

ARAUTO
PARAHYBANO

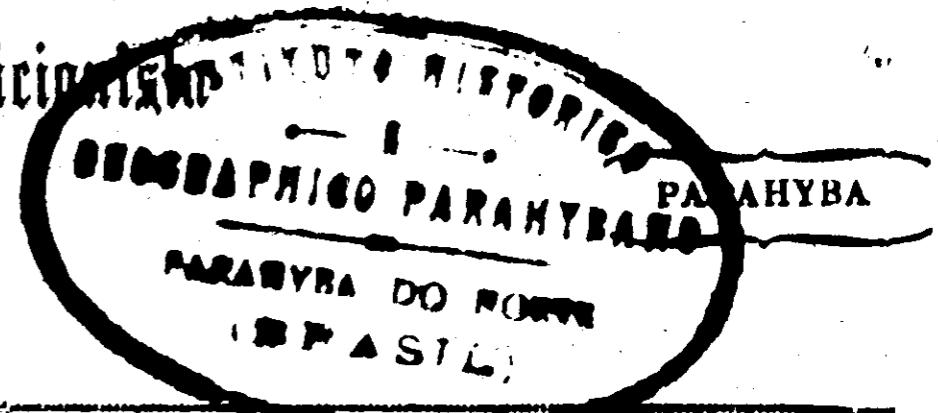
22 DE ABRIL
DE 1888

ARAUTO PARAIBANO

Periodico Litterario, Noticioso e Abolicionista

BRAZIL

*Ignorance is the curse of God,
Knowledge the wing wherewith we fly to heaven.*
SHAKSPEARE.



ANNO III

Domingo, 22 de Abril de 1888.

NUMERO 18

EXPEDIENTE

Escriptorio e Redacçãorua Duque de Caxias n.º 68, para onde devem ser dirigidas todas as correspondencias.

Assignaturas.

PARA A CAPITAL

Por anno.....	6\$000
Por semestre.....	3\$000
Por mez.....	\$500
Número avulso.....	\$160

PARA FORA DA CAPITAL

Por anno.....	6\$500
Por semestre.....	3\$300
Por mez.....	\$700

Publicação semanal.

Terá direito a uma assignatura quem se encarregar de agenciar 10 assignantes para este jornal.

Os assignantes terão direito à uma columna, somente para publicações litterarias.

Não será aceito artigo algum que não esteja assinado e responsável.

Todo pagamento será feito adiantadamente.

ARAUTO PARAIBANO

Parahyba, 22 de Abril de 1888

Adiantada como se acha em nosso Paiz a magna ideia abolicionista á ponto de fazer parte principal do programma do gabinete actual, e ser até mesmo pela Coroa sustentada como um dos elementos mais essenciais á vida social, parece, que a apregoada generosidade de muitos escravistas, que, aos olhos da sociedade, querem constituir-se verdadeiros filantropos, não passa de uma embagadella, ou para melhor dizer, de um meio torpe de que ladrão mño, para continuarem a exercer seu despotico poder, abocanhados com a ogide da Liberdade, que condicionalmente concedem á seus escravos, os quais julgam d'estarte tão livres quanto os pseudo-abolicionistas.

E, para que desapareça, de uma vez para sempre, essa energia ilusória, que tem por um garantir o livre exercício do troço e do xeragno,

presentamos ligeiras considerações, que nos suggerem ao correr da penna, assim de q' estas, melhormente apreciadas, pelos entendidos, sejam, conveniente e satisfactoriamente, descutidas, de modo a pôr a calva á mostra desses tartufos, que desejam, quando em melhores tempos, obter galardão de um acto, que em si, nada encerra de nobreza e generosidade, e, muito ao contrario, é, como já dissemos, um escarneo, uma mentira atirada á face d's verdadeiros propagandistas do abolicionismo!

Temos acompanhado, senão muito de perto, ao menos com certo interesse, o evoluir de tão elevautada ideia, defendida com denodo e heroismo, na imprensa e nos comícios, pelos aguerridos paladinos, Luiz Gama, Ferreira de Menezes, já falecidos; José do Patrocínio, João Clapp, Carlos de Lacerda, Joaquim Nabuco, José Mariano, conselheiro Dantas, Ruy Barbosa, e tantos outros vantajosamente conhecidos; mas, ou porque electrizados pelo grande afan que têm em sustentar tão nobre causa, ou porque aguardassem um futuro mais propicio, para com maior denodo e com bases mais solidas apreciarem a libertação por especies, e laurar aqueles que são os verdadeiros apostolos da Liberdade e do bem, verberando ao mesmo tempo com toda força

de suas punjantes eloquências aos que singidamente tentassem partilhar das glorias, a que somente fizeram jus os intransigentes e verdadeiros abolicionistas, q' como os já mencionados e dentre estes o commendador Carlos de Lacerda, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, expôz, por tão gigantesca ideia, a sua própria existencia, ainda não fizeraam questão de hora d'essa forma hybrida de libertação, com a precisão sufficiente a pôr termo a amplitude d'esses actos reputados, pelos pseudo-abolicionistas, como dignos de todo aplauso, e portanto proximos a alegria em um lugar no Pantheon das glorias, onde só deve ingressar quem como Patrocínio, Nabuco, Ferreira de Menezes e outros já referidos, lhe ha sacrificado pôr gran

da parte, somente com o intuito de tornar-se agradavel ao gabinete 10 de março, os mais cruéis e encarniçados negreiros, esforçando-se para, á contra gosto, abraçarem a idéa abolicionista, tão brilhantemente defendida e sustentada pelos seus verdadeiros apostolos, concederem á mãos largas liberdade aos seus infelizes teseravisados com a condição da prestação de serviços por uns, douis, tres e mais annos, conforme o aferro que consagraram as suas negregalas idéas, isto mesmo, como dissemos, para agradar ao conselheiro João Alfredo, q', estando de posse da cornucopia das graças, as destribue a seu taiaute, e ao mesmo tempo eserneccerem dos sustentáculos da grande idéa, roubando-lhes parte de seus immarcessiveis louros.

E, tanto mais seguros estamos em nosso júso, quanto elles, como nos, vêm e contiñecem, que nos tempos que correm, nenhuma razão tem de ser a libertação condicional, que é uma verdadeira burla e um sacrilegio a arca santa da Liberdade; pois que, sendo a liberdade concedida por essa forma, não passa de um contracto, que somente é permitido pelas nossas Leis civis, havendo expresso consentimento do escravo, porque sem o mutuo consenso das partes é nullo e irrito.

Ora, desde que para concessão de taes liberações não se consulta a vontade dos escravos e nem se satisfazem as prescrições legaes, é claro que a intenção de taes pseudo-abolicionistas é illaquear a boa fé dos escravizados e do publico, q' muitas vezes, sem reflectir, os aplaude.

D'esse modo de libertação resulta, porém, que, os escravos estão de jure no goso pleno de suas liberdades, sem obrigaçao restricta da prestação de serviços, em face da nullidade manifesta de taes contractos. *Otiosa rostrigenda / vacuitatis amplianda.*

E, sem duvida, tanto é afeição a Intenção dos pseudo-abolicionistas, que a mão suja d'elles por tanta partiçipação fazem os reportores competentes, e não trepidam em rezalos incorretos, retribuindo justiça na mais dura, como praticam os ha muito

tempo um celebre verdugo dos libertos-captivos, em nossa província, o q' ficou sufficientemente provado pelo inquerito corpo de delicto procedidos na secretaria de polícia no liberto-escravizado de nome Amaro, que se fosse *de facto* um homem livre, não voltaria para o ergastulo d'onde viera para ser interrogado e vistoriado, e o celebrissimo patrício seu senhor estaria á esas horas saboreando o *doce nectar* que a justiça publica costuma dar aos transgressores das Leis do paiz.

Se, porém, nos achamos em erro à cerca desse nosso modo de pensar, e têm todo valor jurídico os contractos d'essa natureza, celebrado pelo senhor com seu escravizado, neste caso, cumpre, aos altos poderes do Estado, em quanto não vem o tão suspirado Decreto da abolição immediata, estender suas beneficias mãos a esses infelizes, que sendo livres *de jure* são escravos *de facto*, baixando as mais terminantes ordens para que sejam respeitados *in integrum* taes contractos, impondo penas severas a qualquer dos contraventores.

Fecimus quod potuimus, faciant allii meliora.

Em nosso numero seguinte alargaremos nossas considerações.

ABOLICIONISMO

Cumpre-nos hoje abstrair das apreciações que temos feito em nossos edictoriaes anteriores á respeito do Ministro 10 de março, para voltarmos as vistas sobre a capital d'esta província.

Temos prossigido, por vezes, o desimo de nossos conciliabulos ante a questão da liberdade, e, no intuito de levantar o espírito público paraibano para a evolução pacifica e civilisadora que, com o projeto, se tem desenvolvido no paiz, e na Ilha Linguagem tomado a mais franca e severa!

Nohnum resultado, nem temos colhido de nossos conciliabulos, por quanto entendem a predominar n'esta bella ilha, o elemento escravo, esse producto mortal, que o mundo prova abominável da humanidade e da liberdade em que

se embalava a parte aristocrática das passadas gerações, a qual, infelizmente, ainda tem genuinos representantes no meio social onde permanecemos!

E vergonhoso dizel-o, porém é a verdade: a Parahyba muito longe ainda está de ser uma cidade livre; o pedaço de firmamento que lhe serve de tecto não reflecte, sique, o pallido clarão, que precede o levantar do astro da liberdade; a sua atmosphera demora pesada e tristonha, e os *senhor* bosques, onde figuram *dignos*; *specimens* seculares, sob cujas sombras, muita vez, descanaram liberrimas tribus indigenas, ropercuteem, quasi que diariamente, o estalar hediondo do lategão infame, tangido pelo braço musculososo e miseravel lo verdugo, sobre o dorso já ensanguentado do indefeso escravo!

E o grito estridente do miseravel paria perde-se no espaço, e sua voz succumbe sem encontrar echo n'um peito amigo, n'um coração generoso e n'uma alma nobre, porque, em redor do desgraçado, todos os peitos são muralhas opostas contra o abolicionismo, todos os corações transbordão de contentamento ante a sanguinaria scena e todas as almas em sim... são outros tantos corvos a espreitarem o momento em que possam tripudiar sobre o cadaver ainda quente da vítima, cujos membros dilacerados lhes servem de pasto!

Vil espetáculo humano, reproduzido incessantemente, sem que a espada da justiça se interre, se embeba no peito infame do protagonista, porque este tem ouro, muito ouro para desviar o golpe; porque é grande e a sua grandesa é superior a da justiça; porque, finalmente, é fidalgio, e é um crin. crin. capital suposse existir, envolvida em seus titulos honoríficos, a alimaria vil, cujas emanações bastarião para corromper um povo inteiro!

I. baldados serão todos os conciliabulos! A nossa ohiva Parahyba não ce quer liberdade, a maior parte do seu povo, cheio de corrigas á causa publica, não vêem no abolicionismo

ao de muitos a quem temos ouvido com passim!

E vem a propósito transcrevermos aqui as palavras com que um nosso digno collega da redação terminou um artigo inserido em nosso numero de 25 de março passado: referindo-se ao abolicionismo em essa capital, disse elle: «inevitavelmente a iniciativa própria e individual não só não existe, como não se pode levantar».

Entretanto, com o seu projeto, continuaremos a lutar, e se bom que estejamos certos de que na imprensa parahybana, excepto feita do nosso collega o *Diaio*, estamos sós, não desanimaremos.

Noticiario

Arauto Parahybano

Em virtude da astúcia de matéria que temos tido constantemente, resolvemos aumentar o nosso periódico para assim podermos dar publicidade regularmente dos artigos que nos têm sido enviados.

Ainda uma vez invocamos a coadjucação do público.

Reunião abolicionista

O partido liberal da província de distribui hontem o seguinte boletim: «O Partido Liberal convida a todos os cidadãos abolicionistas para comparecerem a reunino, que deverá ter

FOLHETIM

LIVRO NEGRO DE UM FERRISTA

(Romance em verso alegre. Música de João Pombal)

Do coração na mão, leitor querido,
que nos benzeendo ate, leitor leal,
que nos protege de todo esforço corrido;
que nos passou-se tal e qual,
que nos deixa em qualquer sôc,
que nos tem de mão da pétala.

E mesmo cousas íntimas assim,
que sempre sobrevenem som se prever,
não devem neste mundo aparecer,
Pois ha gente p'ra tudo o todo d'ni;
Por isto repara' n' ladainha,
Mas... reservas o callo de galhardete...

E aqui entre parenteses, ligeiro,
Como as vezes catadas n'uma esquina
Molhamos nossa lingua no bateira,
Para ditar os it's na gente fina;
(S'hou p'lanando...) Q'tal, hayas de ver
E o que la salir não pode ser.

Corda-me a existencia su'bitante,
Mas hoje já não cargo a p'la bateira,
(Supondo que ja il'huma bateira)
Cousa sentiu a intuição, semelhante,
Porque foram falar lhe uns caras,
Banda polas ruas de maldita.

Alvaya banta tua bateira, u'ndi a maldita.
N'ella banta sólida alguma, a bateira.
N'ella banta cada se'ndu' bateira,
E' p'ra do grito que p'ra o p'lo,
Mas todos os outros, atra'ndola,
Na confusão p'ra maldita.

lugar, romântica, 22º no
mêlo dia, no Theatro S.
Cruz, e que terá por fim
tratar-se de medidas
tendentes à libertação
desta capital.
Nós, como abolicionis-
tas, adherindo ao convi-
to que faz o partido libe-
ral, convencionos fazer
nos abolicionistas
desta capital para a re-
união de que tratará o
folhetim supra.

Limpeza publica.

Gratas aos esforços da im-
prensa parahybana, já a ilumina-
camara se dignou mandar efetuar a limpeza da grande
quantidade de lixo que inunda a nossa capital; pelo que
felicitamol-a de nossa parte
pelo grande beneficio que pro-
põe fazer a salubridade pu-
blica.

Reputado Geral.

Depois de curta demora n'essa capital seguiu para a cor-
te, o exm. sr. dr. F. de Paula
e Silva Primo, ilustre depu-
tado geral pelo 5.º distrito
desta província.

Vai s. exa. tomar parte nos
trabalhos da Assemblea Geral
em cumprimento ao mandato
de sua província natal que o
escolheu para representá-la.

Nós, confiados no patriotis-
mo do dr. Paula Primo, espe-
ramos que, quando sentado
na cadeira que com muita
distinção ocupa no parlamento,
lembre-se d'esta infeliz
província quasi sempre ati-
trada no óbvio.

Que se restabeleça em breve,
é o que desejamos.

São estes os nossos arden-
tes votos.

Novas professoras públicas

Forão nomeadas, segundo
informações, as exmas. sras.
Felismina Elysina de Vas-
côncios e Anna Hygino Bit-
tencourt Pessôa, esta para a
cadeira da cidade de Guara-
bira e aquella para a da de
Bananeiras.

Incontestáveis são os mé-
ritos das nomeadas, pois o ta-
lento e ilustração de que são
dotadas, prometem o fiel des-
empenho da nobre missão de
que estão investidas.

Nossos cordaões parabens.

Juramento

Perante a directoria do Ex-
ternato Normal prestou juramen-
to de professora da escola
annexa a exma. sra. d. A-
malia G. Alves Lima.

Doentes

Têm estado doentes os nos-
sos bons mestres, professores:
João Hamilton e João Lúcio
Velloso.

Que se restabeleça em breve,
é o que desejamos.

Singular coinci- dência

Lemos com este título em
um jornal:

«A mulher de Morse, o in-
ventor do telegrapho, é mu-
também muda é a mulher
de Bell, inventor do telepho-

ne. São estes os nossos arden-
tes votos.

mudez da mulher sogra o
engenho do homem.

Uma mulher que não fala
é o maior tesouro que pode-
ria caber a um homem de
talento. Isto é, ainda existe
um tesouro mais precioso,
uma sogra surda, muda, cega
e apática.

Melhor do que isto só uma
sogra morta.

Entre nós..

Acha-se do passeio entre
os vinhos da cidade de Pão
d'Alho, em Pernambuco, onde
reside o sr. João Ribeiro Pes-
soa. S. s. como nosso com-
panheiro que foi, de lides
escolasticas n'essa capital,
em tempos não muito remo-
tos, deu robustas provas de
sua esclarecida intelligencia
e talento superior. N'essa
e n'aquela província, a im-
prensa tem dado publicidades
as suas produções poéticas
que são verdadeiros primores
literarios e como tales imme-
nismamente apreciados por todos
os que têm occasião de lê-las.

Conta elle n'essa capital in-
numerous sympathias adqueridas,
não só pela força atrac-
hente de seus dotes intellec-
tuais, como pelas qualidades
cívicas que o distinguem.

Nossos cumprimentos ao il-
lustre hospede.

COLLABORAÇÃO

E' com pesar que declara-
mos acharmo-nos ainda sob o
peso d'um anathema horrível
— escravidão.

Nem pode deixar de ser as-
sim, quando, no momento em
que apraz-nos de ver, por to-
da a parte, desde o norte até
o sul do Imperio, propagar

e engrandecer-se o move-
mento abolicionista, cujos esfe-
tivos humanitários das garras

sanguinarias têm arrancado
milhares de victimas, resis-
tindo-as à liberdade tristes e
injuriantes testemunhas a nos-

Nossas felicitações.

Academicos

Seguiram para o Recife os
nosso sympathetic amigos,
Bernardino Jonas de Melo e
Albuquerque e José da Cruz
Cordeiro, estudante do ter-
ceiro do primeiro anno da Fa-
culdade de Direito.

Liberdades.

O Sr. cap. Francisco Alves
de Souza Carvalho, nosso
particular amigo, passou car-
ta de liberdade aos seus ultí-
mos escravos sem onus nem
condição alguma.

Com satisfação comprimen-
tamos ao illustre cavalleiro,
que por esta forma concorre
para a extincão da escravi-
dão do abençoado solo brasilei-
ro.

sa condemnavel frieza de es-
pirito, o nosso scepticismo
immoral, em summa, o nosso
solemnissimo desprezo no que ba-
ria de mais nobre e santo!.

Sejam quais forem as in-
tentões dos actuais governan-
tes, o povo brasileiro não
considera uma insti-
tuição desprestigiosa e soez
em uma instituição liberal,
complexa e propulsiva em qua-
si todos os estados do Novo
Mundo.

E' que em todos estes esta-
dos, diz E. Lebonjaye, a li-
berdade não se acha concentra-
da em uma camara legisla-
tiva, mas dispersa em quan-
tas províncias não contam

mais em seu solo esse Cain
traidor; outras porém tratam
oferecidamente de espozinhos,
para depois entrarem com
mão denodada na luta contra
a soez monarquia.

Miremos-nos na effigie dos
grandes martyrs da liberdade
e da ciencia!... Nada de
arrefegar na pugna contra a
escravidão... Muitas de nos-
sas províncias não contam

mais em seu solo esse Cain
traidor; outras porém tratam
oferecidamente de espozinhos,
para depois entrarem com
mão denodada na luta contra
a soez monarquia?

E' que ali a condição ins-
piravel do trabalho é a encen-
ça, é a esperança, é o amor.

Dávemo todos os brasilei-
ros, filhos denodados da terra
esperançosa da S. Cruz; lutar
com aço e perseverança em
 prol da Liberdade e da Re-
publica?...

No esteira vastissima e ru-
tilante da União Americana,
seguem, avidos de luz e de
glória as republicas Argenti-
nas, Mexico, Columbia, Peru,
Equador, Chile, Bolivia, Urugu-
ay e Paraguai quasi aniquilado pelo
museu potente do valen-
cial.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' porque os norteamericanos
ao cidadãos intrepidos e
diligentes, que marcham
com arrojo na rotina dos gran-
des problemas, levando em
sua frente este emblema quão
belíssimo e sublime — labore-
mos!

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

E' que ahí, diz Edouard La-
bulayre, não existem, como
entre nós, as paixões cégas, as
ambícios insensatas.

toroscos pela liberdade dos
nosso semblantes, ficando
a arrelia á causas grandiosas
que Síria, África e sob o
sol da América.

E' preciso que nos alissemos
aos batalhões da Liberdade
e da Republica e que
nosso sacerdote para levantar a
nosso povo.

Bragando o anjo purpurino da
liberdade e erguendo um pa-
posto grandioso da gloria
à sua esplendorosa pátria.

E' preciso que nos alissemos
aos batalhões da Liberdade
e da Republica e que
nosso sacerdote para levantar a
nosso povo.

Miremos-nos na effigie dos
grandes martyrs da liberdade
e da ciencia!... Nada de
arrefegar na pugna contra a
escravidão... Muitas de nos-
sas províncias não contam

mais em seu solo esse Cain
traidor; outras porém tratam
oferecidamente de espozinhos,
para depois entrarem com
mão denodada na luta contra
a soez monarquia.

Assim como Guilherme Tell
lutou incansavelmente pela
liberdade da sua amada pa-
tria — a Suíça; assim como

Byron batalhou titanicamen-
te para livrar a velha Grecia
do jugo dos tyrannos; assim
como os martyrs de 1789 se
esforçaram com afan para des-
pedazar os olhos do jugo portu-
guez; assim como todos esses
heróes, lutemos com constan-
cia e intrepidez no intento de
acossar do nosso paiz a es-
cravidão e a monarquia, para
que os eulogizados, dar mimos
o sonho eterno sob a aurifil-
ante bandeira da Republica!

Assim como Guilherme Tell
lutou incansavelmente pela
liberdade da sua amada pa-
tria — a Suíça; assim como

Byron batalhou titanicamen-
te para livrar a velha Grecia
do jugo dos tyrannos; assim
como os martyrs de 1789 se
esforçaram com afan para des-

